

A FILOLOGIA E O ENSINO DE LÍNGUAS

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz*
Maria da Conceição Reis Teixeira**

RESUMO: *A Filologia é uma ciência antiga, datada do século III a.C. O seu surgimento foi relacionado à questão de haver diversas versões para um mesmo texto de Homero, sendo necessário estabelecer o que seria o mais genuíno, ou seja, o que estava mais próximo daquele idealizado pelo escritor. Os primeiros filólogos desempenhavam várias funções: eram críticos literários, eram gramáticos, entendiam de retórica, de estilística, enfim eram verdadeiros eruditos, sendo assim classificados durante muito tempo. A partir do século XIX, com o estabelecimento das áreas de atuação de cada estudioso, a Filologia se dividiu em dois ramos: a Crítica Textual, preocupada com a fixação do texto genuíno; e a Lingüística Histórica, ocupada com o conhecimento externo e interno da história das línguas. Seguindo esta última orientação, mostrar-se-á neste trabalho de que forma a Filologia pode contribuir para o ensino de línguas, sejam estas estrangeiras ou maternas.*

Palavras-chave: Filologia; Ensino de línguas; Diversidade lingüística.

*“Vida toda linguagem,
feto sugando em língua compassiva
o sangue que criança espalhará – oh metáfora ativa!
leite jorrado em fonte adolescente,
sêmen de homens maduros, verbo, verbo.”*
(MÁRIO FAUSTINO, 1966)

1. INTRODUÇÃO

A palavra *filologia* provém de dois radicais gregos: *phílos* ‘amigo’, ‘amante’ e *lógos* ‘estudo’, ‘ciência’; entrou na língua portuguesa através do latim *philologus* ‘amigo das letras’ cujo significado etimológico é ‘amor da ciência’, ‘culto da erudição’. Segundo Lázaro Carreter (1990, p. 187): “[...] ciência que estuda a linguagem, a literatura e todos os fenômenos de cultura de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos escritos.” O significado da palavra filologia quase sempre esteve relacionado à ciência da cultura. Para Erich Auerbach (1972), a filologia é a área do saber que se ocupa da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Nesta direção, Heinrich Lausberg (1974, p.21) aponta como seu objeto de

* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Coordenadora dos projetos de pesquisa: “Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico”, “Estudo histórico, filológico e artístico de documentos manuscritos baianos dos séculos XVIII ao XX (Financiamento FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – 2004 a 2007)” e “Edição crítica de autores baianos Financiamento FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – 2008 a 2010”. Líder dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Edição de Textos - GET e Núcleo de Estudos do Manuscrito - NEMa / UEFS (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq). rcrqueiroz@uol.com.br. Autora.

** Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa Edição e Estudo de Textos – UNEB (Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq). conceicaoreis@terra.com.br. Co-autora.

estudo as 'obras' ou 'textos', tanto os textos de uso pragmáticos como também os textos de uso repetido, ou seja, literários. Basseto (2001, p. 17) assevera que “[...] o filólogo é aquele que apreende a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual”.

Devido à sua origem ser antiga e de atuação abrangente, o uso da palavra filologia tem provocado controvérsia desde tempos remotos até os dias atuais. Alguns especialistas acreditam que o trabalho do filólogo restringe-se ao estudo preponderantemente histórico e comparado das línguas. Outros, pelo contrário, acreditam que o verdadeiro labor filológico é a edição de textos, tarefa que consiste em coligar, na tradição da obra, as várias versões a fim de autenticá-lo, estabelecendo ou restabelecendo sua genuinidade. Lausberg (1974), por exemplo, diz que a filologia tem de cumprir a tarefa tripla de crítica textual, interpretação de textos e a integração superior dos textos tanto na história da literatura como na fenomenologia literária. Auerbach (1972) reconhece a larga abrangência desta ciência e, por esta razão, enfatiza que sua forma mais antiga, a clássica, a mais nobre e a mais autêntica, é a edição crítica de textos. Entretanto, com isso, não nega o seu ramo lingüístico, através do método histórico-comparativo. Dubois (1993, p. 278), em seu *Dicionário de lingüística*, afirma que a filologia é uma ciência histórica que tem por objeto o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que aquelas nos deixaram, os quais nos permitem compreender e explicar as sociedades antigas. Miazzi (1972) tem posição esclarecedora e de consenso. Para esta autora:

Do ponto de vista filológico, portanto, cabe ao romanista a pesquisa e publicação de textos, enquanto, no plano lingüístico, estuda ele os múltiplos aspectos da história das línguas neolatinas, sua evolução a partir do latim vulgar, as influências externas que receberam, os contactos que mantiveram entre si, a sua fragmentação dialetal, enfim, todos os fenômenos concernentes à fonética, morfologia, sintaxe e léxico. (MIAZZI, 1972, p. 15)

Nesta perspectiva, pode-se dizer que tradicionalmente a filologia, para o desenvolvimento do trabalho, necessita do auxílio de outras áreas do saber, como, por exemplo, história, literatura, lingüística, sociolingüística, etnolingüística, ao mesmo tempo em que contribui com estas e outras ciências.

Tomando-se a palavra na vertente da Crítica Textual, cuja principal tarefa é a reconstrução do original perdido (quando se dispõem de textos manuscritos), ou um texto fidedigno, baseado na tradição manuscrita e impressa, direta e indireta da obra, a filologia pode contribuir, por exemplo, com os estudos de história cultural, social e lingüística na medida em que prepara e ordena os materiais da investigação histórica que são capazes de fazer reviver o passado como se fosse presente. A preparação de uma edição crítica de um texto é uma atividade complexa, minuciosa e exige rigor metodológico. É necessário coligar muitas informações sobre o texto a ser editado, traçar a trajetória da sua tradição, obter informações sobre o autor, a época e a língua em que foi lavrado. Auerbach (1972, p.17) enfatiza que:

É preciso compreender a língua do texto; o editor tem necessidade, pois, de estudos lingüísticos e gramaticais; por outro lado, o texto fornece amiúde um material deveras precioso para tais estudos; foi com base nos textos antigos que a gramática histórica, a história do desenvolvimento das diferentes línguas se pôde desenvolver; ela encontrou formas antigas que permitiram aos eruditos do século XIX fazer uma idéia nítida não apenas do desenvolvimento desta ou daquela língua como também do desenvolvimento lingüístico enquanto fenômeno geral.

A filologia, no seu ramo lingüístico, tem caráter histórico porque trata das línguas em geral e da comparação de uma ou de um grupo de línguas aparentadas. Normalmente, os estudos nesta vertente centram-se em determinadas línguas documentadas através de textos, percorrendo um itinerário cultural na tentativa de estabelecer relações de parentesco e explicar a genealogia de uma língua ou grupo de línguas a partir dos fatores estruturais e extralingüísticos, como, por exemplo, tipos do contato entre línguas, etnias e culturas, densidade demográfica, mobilidade populacional, questões geopolíticas.

A lingüística histórica ou gramática histórica, como é mais conhecido o estudo pautado no método histórico-comparativo, aplicada ao mundo românico tem como principais precursores Friederich Diez (1794-1876) e Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936). O primeiro publicou, entre 1836 e 1844, uma gramática histórico-comparativa das línguas românicas e, em 1854, um dicionário etimológico dessas línguas. Diez foi um dos primeiros romanistas a salientar que as línguas românicas tinham no latim a sua primeira e principal fonte. Não o latim clássico, mas o latim popular falado pelos romanos nas diversas regiões do Império. O segundo, filiado à corrente neogramaticista, buscou reconstruir o latim vulgar, levando em consideração principalmente aspectos internos à língua.

Ao longo de sua trajetória, a filologia – tanto como crítica textual como lingüística histórica – tem alargado a sua forma de ver e conceber seu objeto de estudo. Atualmente não se concebe o estudo da história de uma língua desvinculado do estudo da história do povo que a fala. Desse modo, não se podem estudar as suas origens sem remontar ao passado e, por conseguinte, às etnias, à densidade demográfica, à mobilidade populacional, às questões geopolíticas dos povos e línguas em contato.

Fato é que a língua registra e acumula as aquisições culturais, pereniza fatos e dados que o tempo e as mudanças estruturais impõem à vida da sociedade, coloca, numa espécie de arquivo morto do conhecimento, os usos lingüísticos que se tornam desativados no saber dos povos, a língua assegura a continuidade do conhecimento e, de forma recorrente, avança e recua no tempo, retrata as influências pelas quais passam os grupos humanos, traduz as ansiedades que assinalam as diferentes épocas. Portanto, a compreensão total dos vários tipos de significado que são codificados na gramática e no vocabulário de uma língua só é obtida com o entendimento total da cultura, ou culturas, na qual ela funciona. Mesmo num estudo lastreado teórico-metodologicamente nos aportes da lingüística histórica não é pertinente e produtivo desconsiderar os conceitos da lingüística moderna, sobretudo da sociolingüística e da dialetologia.

É necessário compreender a dinamicidade das línguas, entendendo-a como fenômeno heterogêneo, porque heterogêneos são os indivíduos que a falam, dinâmicas são as sociedades e cada sociedade possui seus traços culturais próprios e singulares que ora se distanciam de outras culturas e ora se aproximam. Talvez seja por esta razão que Bertoni (1943, p. 21) afirma que identificamos a história de um povo ou da sua civilização com a história da sua língua, em que se revela a verdadeira história ideal na qual e sobre a qual corre a história através dos tempos, com os seus acontecimentos e com as suas vicissitudes.

No presente trabalho pretende-se, seguindo a orientação da lingüística histórica, mostrar de que forma a filologia pode contribuir para o ensino de línguas, sejam estas estrangeiras ou maternas. Neste sentido,

Toda variedade lingüística pode ser estudada, sob o ponto de vista diacrônico, em sua história externa ou interna. Sob o prisma da história externa, investigam-se a origem da língua ou dialeto, o território ocupado e possíveis expansões, as influências do substrato, do superstrato e do adstrato, os fatos políticos, econômicos, sociais e culturais que, de alguma forma, influíram em sua evolução [...]. A história interna estuda a língua em sua evolução interna, ou seja, nos vários níveis lingüísticos – fonético, morfológico, sintático, léxico e mesmo estilístico [...]. (BASSETTO, 2001, p. 41)

2. A FILOLOGIA E O ENSINO DE LÍNGUAS

2.1 O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

O ensino e a aprendizagem de língua materna podem ter um grande impulso com as contribuições da filologia. Neste caso, o filólogo apresenta as questões sócio-histórico-culturais que permeiam a história de qualquer língua e isso não seria diferente com a língua materna em solo brasileiro, ou seja, a portuguesa. O estudo da língua portuguesa e de suas especificidades passa pela diacronia. Muitos fenômenos só são explicados na sincronia através dos fatos que marcaram a sua história, sejam aqueles ocorridos nos níveis fonético, morfológico, sintático ou lexical. Tomar-se-á aqui a formação do léxico da língua portuguesa para enfatizar a importância do conhecimento diacrônico e para tal foram elencados alguns exemplos, apresentados a seguir. Faz-se relevante salientar que a formação do léxico de uma língua de cultura perpassa justamente pelas questões sócio-histórico-culturais já mencionadas, pois, como assinalam Oliveira e Isquierdo (1998, p. 7), “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. [...] na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.”. Lüdtke (1974), ao se referir à história do léxico românico, afirma que todas as mudanças no vocabulário estão relacionadas, de alguma forma, com as mudanças políticas e culturais. Sendo assim, não se pode dissociar a formação do léxico da língua portuguesa com a história e a cultura do povo que a fala.

2.1.1 Cavalo e seus derivados

A língua latina, a qual foi fragmentada por diversos processos e resultou na formação das línguas românicas, dentre estas a portuguesa, possuía em seu léxico a forma *equus*, que designava o animal de batalha, militar, de esporte. A língua latina popular apresentava a forma *caballus*, da qual foram originadas as formas nas línguas românicas, sendo em português *cavalo*. No entanto, os adjetivos relativos a cavalo foram formados a partir de *equus*: em português *equestre*, *equino*, *equitação*.

2.1.2 Orelha e seus derivados

A palavra orelha em latim era *auris*, que foi substituída na língua popular pela forma derivada *auricula*. Esta, por sua vez, passou por processos naturais de simplificação, tais como: redução do ditongo *au* a *o*; síncope da vogal *u*; resultando em *oricla*, que por sua vez teve o grupo formado pela consoante oclusiva mais líquida, *cl*, palatalizado e por processo de harmonia vocálica a vogal medial *i* passou a *e*. A tradução desses processos é a forma portuguesa *orelha*. Contudo, as formas adjetivas relativas a orelha seguem *auris*, *auricula*: *auricular*.

2.1.3 Leite e seus derivados

A palavra latina que designava o leite era *lacte*. Esta, em sua passagem do latim para o português, teve o primeiro elemento do grupo formado por consoantes oclusivas *ct* se palatalizar, ou seja, passar a *i*, por harmonia vocálica *a* passou a *e*, ficando então *leite*. Entretanto, as formas derivadas se mantêm fiéis a *lacte*: lactante, lácteo, laticínio

2.1.4 Palavras de origem indígena e africana

A língua portuguesa que hoje se fala no Brasil foi para cá trazida pelos portugueses quando do processo de colonização das terras da América do Sul. Quando aqui chegaram os portugueses, estes encontraram uma diversidade étnica formada pelas inúmeras tribos que aqui habitavam. Para que houvesse comunicação entre portugueses e indígenas, aqueles foram aprendendo os dialetos e idiomas destes. A língua tupinambá era a usada pelos grupos indígenas que se mostraram mais abertos ao contato com os portugueses, sendo daí criada a língua geral e daquela partiu a primeira influência recebida pela língua dos colonizadores.

Outro contato importante ocorrido em solo brasileiro e que influenciou a língua portuguesa foi aquele proveniente das línguas dos negros africanos para cá trazidos como escravos. Estes aprenderam português para se comunicarem com os senhores e com isso deixaram as suas marcas lingüísticas na língua portuguesa.

São de origem indígena, ou mais precisamente da língua tupinambá, nomes de plantas, frutas e animais brasileiros, tais como: abacaxi, jabuticaba, maracujá, buriti, caatinga, carnaúba, cipó, ipê, sucuri, piranha, dentre outros. Além deste, a toponímia revela também esta influência: Aracaju, Caraguatatuba, Jabaquara, Parati, Piracicaba, Itaberaba, Itapuã etc.

As influências das línguas africanas são confirmadas através da culinária afro-brasileira, das religiões afro-brasileiras, do vocabulário familiar, do universo das plantações de cana, dentre outros. Podem-se elencar as seguintes palavras: maxixe, abará, acarajé, vatapá, orixá, Exú, Oxossi, Oxum, Iansã, senzala, molambo, caçula, cafuné, moleque, bangüê, samba, etc.

2.2 O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

O ensino e o aprendizado de uma língua estrangeira também perpassam pelo conhecimento do vocabulário da língua materna e as possíveis correspondências que se pode encontrar na língua alvo. Neste sentido, dá-se ênfase à história da língua, pois o entendimento desta representa uma importante chave de acesso a outros links. As tendências atuais em ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras destacam as interfaces sócio-culturais.

Conhecer bem a língua materna, saber como funcionam suas partes integrantes, pode auxiliar e muito o ensino e o aprendizado de outra língua. Sendo esta da mesma família lingüística que aquela, faz-se ainda mais significativa. Entretanto, esta não é uma condição *sine qua non*. Todo este conhecimento pode ser muito válido quando se estuda inglês, ou alemão, por exemplo. Segundo Berlitz (1988, p. 222): “Embora milhares de línguas e dialetos sejam falados hoje, a maioria dos povos fala ou reconhece palavras básicas em 25 línguas principais.”

2.2.1 As línguas românicas

Quando são reconhecidos os processos pelos quais a língua latina passou e em decorrência deles houve a sua fragmentação e posterior formação das línguas neolatinas, compreendem-se melhor os resultados atuais. Para isso, vejamos alguns exemplos:

LATIM	ESPAÑHOL	FRANCÊS	ITALIANO	PORTUGUÊS
octo	ocho	huit	otto	oito
auricula / oricla	oreja	oreil	orecchia	orelha
nocte	noche	nuit	notte	noite
oculu / oclu	ojo	oeil	occhio	olho
cantare	cantar	chanter	cantare	cantar

QUADRO 1: O latim e as línguas românicas

Observando-se os exemplos acima, nota-se que os resultados apresentados nas línguas românicas são muitos próximos. Para o encontro formado pelas consoantes oclusivas *c* e *t*, têm-se no espanhol a palatalização do grupo *ct* em *ch* ([tʃ]); no francês a palatalização do primeiro elemento oclusivo, passando a *it*; no italiano a perda do primeiro elemento oclusivo e a geminação do segundo, *tt*; e o português com o mesmo processo do francês, *it*. Nos casos em que há o encontro formado pela oclusiva mais líquida, *cl*, têm-se os seguintes resultados: em espanhol *j* ([x]); a palatalização do elemento oclusivo no francês, *il*; a palatalização no italiano *cchi* ([ki]); a palatalização no português *lh* ([λ]). No exemplo em que consta o verbo latino *cantare*, têm-se os seguintes resultados: em espanhol e português há a apócope da vogal final *e*; em italiano há a manutenção da forma latina; e em francês ocorre um fenômeno típico desta língua: quando a consoante oclusiva [k] está diante da vogal [a] em início de palavra, ocorre a palatalização, passando a [ʃ], a vogal final sofre apócope e a vogal *a* passa a *e*. Quando se sabe esses resultados, tendo também um conhecimento básico da língua latina, assimilam-se melhor as realizações nas línguas românicas. Toda palavra em que ocorra o que foi aqui explicitado, com exceção para aquelas que não seguem este paradigma, os resultados serão os mesmos.

2.2.2 As línguas românicas e não românicas

Vejamos algumas situações em que se pode analisar a complexidade da formação do léxico de uma língua de cultura.

LATIM	INGLÊS	ESPAÑHOL	FRANCÊS	ITALIANO	PORTUGUÊS
-	bicycle	bicicleta	bicyclette	bicicletta	bicicleta
problema	problem	problema	problème	problema	problema
paupertas	poverty	pobreza	pauvreté	povertà	pobreza
translatio	translation	traducción	traduction	traduzione	tradução
admirabilis	admirable	admirable	admirable	ammirabile	admirável

QUADRO 2: O latim, o inglês e as línguas românicas

Nos exemplos vistos nas línguas latina, inglesa, francesa, espanhola, italiana e portuguesa, constata-se certa similitude nas formas apresentadas. É notória a influência da língua latina, pois foi dela que as formas nas outras línguas se estabeleceram. Claro que nestes casos há as

particularidades de cada língua, principalmente quanto à pronúncia (que envolve a fonética e a prosódia, por exemplo). Sabe-se que as línguas estão sempre em processo de intercâmbios, de empréstimos, mesmo entre línguas de origens aparentemente distintas, pois as línguas evoluem, se diferenciam, tomam empréstimos, são substituídas, dominam e são dominadas. Isso aconteceu com a própria língua latina.

Por conta de fatores sócio-históricos, tais como: longa ocupação romana da Bretanha e em seguida a colonização germânica, e a conquista normanda em 1066, a língua inglesa encontra-se a meio caminho entre as línguas românicas e germânicas. Milhares de palavras derivadas do latim entraram para o inglês, assim como muitas palavras e frases latinas permaneceram praticamente inalteradas. Neste caso, podem-se reconhecer as seguintes palavras:

<i>exit</i>	<i>testimony</i>	<i>candidate</i>
<i>item</i>	<i>habeas corpus</i>	<i>nucleus</i>
<i>salary</i>	<i>terra firma</i>	<i>calculus</i>
<i>deficit</i>	<i>alibi</i>	<i>modus vivendi</i>
<i>profit</i>	<i>alias</i>	<i>veto</i>
<i>propaganda</i>	<i>ad hoc</i>	<i>subpoena</i>
<i>sic</i>	<i>omnibus</i>	<i>persona non grata</i>

QUADRO 3: As formas latinas no inglês

No quadro a seguir se poderá constatar a proximidade e o afastamento da língua inglesa, ou seja, como está realmente a meio caminho entre as línguas românicas e as germânicas.

LATIM	INGLÊS	ALEMÃO	HOLANDÊS	FRANCÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	ITALIANO
limone	lemon	die zitrone	citroen	citron	limón	limão	limone
speculu	mirror	der spiegel	spiegel	miroir	espejo	espelho	specchio
actore	actor	der schau- spieler	tooneelspeler	acteur	actor	ator	attore

QUADRO 4: A língua latina, as germânicas e as românicas

3. CONCLUSÃO

A filologia, ciência antiga que se ocupa do estudo das línguas e literaturas de uma determinada comunidade, tem muito a oferecer para o conhecimento, o ensino e a aprendizagem de línguas, pois, ao se dedicar à história de uma língua ou línguas, tem por objetivo traçar-lhe a sua diacronia, a sua deriva. Conhecer a história é fundamental, mas não é empecilho para aqueles que desejarem estudar a língua materna ou outra língua. É importante porque muitos dos fenômenos que acreditamos atuais já aconteciam na época dos romanos, quando estes estavam levando a língua latina para diversas partes da Europa, África e Ásia, e que se repetem em outras épocas e outros lugares, com outros povos.

Um dos níveis lingüísticos nos quais podem ser percebidas as influências de outras línguas é o lexical. Mesmo após uma breve análise é possível se notar que a constituição do vocabulário de uma língua não é homogênea. De acordo com Faraco ([s.d], p. 90): “Incorporar palavras de

outras línguas é, como costumam dizer os lingüistas, uma condição geral das línguas.” Neste sentido, em se tratando da língua portuguesa, esta teve seu vocabulário ampliado em 10 vezes, do século XVI aos dias de hoje, devido justamente à apropriação de palavras de outras línguas e aos seus próprios mecanismos de geração de novas palavras. É isso que mantém as línguas adaptadas às contínuas mudanças que ocorrem com a dinâmica histórica das sociedades.

As línguas latina e grega representam a fonte para boa parte das línguas ocidentais. Muitas palavras do grego foram incorporadas ao latim, e deste foram passadas para as línguas românicas e também germânicas. Isso só faz corroborar as assertivas já apresentadas neste trabalho, o qual traz exemplos que reforçam o tema aqui proposto.

Vale salientar que o vocabulário, além do que já foi exposto, também se constitui de termos da língua erudita e da língua popular, das línguas dos povos dominados, das línguas dos povos que mantêm intercâmbios, ou seja, de todos envolvidos direta ou indiretamente. Sendo assim, conhecer a trajetória histórica, saber como ocorreram os processos e quais foram os resultados em distintas línguas faz com que o leque de aprendizado de outras línguas se abra.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. São Paulo: EDUSP, 2001.

BERLITZ, Charles. **As línguas do mundo**. Tradução Heloísa Gonçalves Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BERTONI, Giulio. **Introdução à filologia**. Tradução Giuseppe Carlo Rossi. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.

BODMER, Frederick. **O Homem e as línguas**: guia para o estudioso de idiomas. Plano e orientação Lancelot Hogben. Tradução Aires da Mata Machado Filho, Paulo Rónai e Marcello Marques Magalhães. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1960.

CAMPROUX, Charles. **Las lenguas románicas**. Traducción Damiá de Bas. Barcelona: Oikos-Tau, 1980.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. corrig. Madrid: Gredos, 1990.

DUBOIS, Jean et all. **Dicionário de lingüística**. Direção e coordenação geral da tradução: Prof. Dr. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. Estrangeirismos e a antropofagia brasileira. **Biblioteca entre livros**, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 90-93, [s.d].

GAUGER, Hans-Martin. **Introducción a la lingüística románica**. Versión española Elisabeth Schaible y José García Alvarez. Madrid: Gredos, 1989.

GUERRA, Antonio Guzmán; CALLER, Paloma Tejada. **¿Como estudiar filología?** Madrid: Alianza, 2000.

LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

LÜDTKE, Helmut. **Historia del léxico románico**. Madrid: Gredos, 1974.

MAZZI, Maria Luísa Fernandez. **Introdução à linguística românica**: histórico e métodos. São Paulo: Cultrix, 1972.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.

POSNER, Rebecca. **Las lenguas romances**. Traducción Silvia Iglesias. Madrid: Cátedra, 1998.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). **Coletânea de textos românicos**. Salvador: Quarteto, 2007.

SALLES, Ricardo C. **O legado de Babel**: as línguas e seus falantes. Dicionário descritivo das línguas indo-europeias. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1993.

SIGUAN, Miquel. **A Europa das línguas**. Tradução Alexandra Borges de Sousa. Lisboa: Terramar, 1996.

STÖRIG, Hans Joachim. **A aventura das línguas**: Uma viagem através da História dos idiomas do mundo. 2 ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

TAGLIAVINI, Carlo. **Orígenes de las lenguas neolatinas**: introducción a la filología romance. Tradução Juan Almela. 5. ed. México,DF: Fondo de Cultura Económica, 1973.

WALTER, Henriette. **A Aventura das línguas no ocidente**: origem, história e geografia. Tradução Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Mandarim, 1997.